

# ARQUEOLOGIA, ARQUITETURA E PAISAGEM EM COTIJUBA

Amanda Carolina de Sousa Seabra<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta nota de pesquisa irá apresentar a investigação de doutorado desenvolvida sobre o Educandário Dr. Nogueira de Faria, na Ilha de Cotijuba, do ponto de vista da Arqueologia da Arquitetura e da Paisagem. Esta tese busca compreender a história construtiva da estrutura arquitetônica dessa instituição, analisar e compreender que paisagem cercou as ruínas desse espaço enquanto estava em funcionamento e qual podemos encontrar no tempo presente.

**Palavras-chave:** Educandário Dr. Nogueira de Faria; Ilha de Cotijuba; Arqueologia da Arquitetura; Arqueologia da Paisagem

## ABSTRACT

This research note will present the doctoral research developed on the Educandário Dr. Nogueira de Faria, on the Island of Cotijuba, from the point of view of Archeology of Architecture and Landscape. This thesis seeks to understand the constructive history of the architectural structure of this institution, analyze and understand which landscape surrounded the ruins of this space while it was in operation and which we can find in the present time.

**Keywords:** Educandário Dr. Nogueira de Faria; Cotijuba Island; Architectural Archeology; Landscape Archeology

---

<sup>1</sup> Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestra em Antropologia com área de concentração em Arqueologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), doutoranda em Estratégias Científicas Interdisciplinares em Patrimonio y Paisaje pela Universidad del País Vasco (UPV/EHU). Desenvolve pesquisas em Arqueologia histórica, da arquitetura, urbana e da paisagem em contexto amazônico.  
E-mail: amanda\_seabra@yahoo.com.br

Desde o ano de 2021 estou como monitora na disciplina de Arqueologia da Arquitetura, ministrada pela professora Dra. Renata de Godoy, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e ao iniciar essa disciplina, o primeiro comentário que os alunos tecem é: “Não sei como Arqueologia e Arquitetura podem atuar juntas”. Acredito que essa seja também a dúvida de várias outras pessoas, além disso, acredito que essa dúvida deve se intensificar quando incluimos a paisagem.

Primeiramente, vou explicar o que é cada uma separadamente, depois juntas e por último, apresentar como elas se encaixam na Ilha de Cotijuba (Belém – PA). Começando pela Arqueologia, por muito tempo ela foi considerada uma ciência auxiliar ou técnica da História ou Antropologia, porém, esta ciência possui teorias, metodologias e um objeto de estudo próprio e bem definido. A partir da materialidade, que pode ser a menor lasca proveniente do preparo de um instrumento de rocha até as alterações nas paisagens, ou seja, tudo aquilo que o ser humano produziu e modificou na natureza, esta ciência busca “(...) investiga a emergência, a manutenção e a transformação dos sistemas socioculturais através dos tempos, por meio da cultura material por eles produzida (...)”. (Lima 2011).

A palavra Arqueologia é originária do grego “arkhaiología” e significa estudo das coisas antiga. Porém, ela não se limita apenas a estudar “coisas antigas”, é possível fazer pesquisas arqueológicas em diferentes tempos e espaços. Sendo possível utilizar a Arqueologia para compreender as relações atuais de pessoas com os vestígios arqueológicos no presente, buscando compreender como esses objetos afetam as pessoas no presente. Assim, de acordo com Costa (2017, p. 1) “o objetivo primário da arqueologia tem sido encontrar, coletar e categorizar esta materialidade; depois transcrever, analisar, e interpretar suas similaridades e diferenças; e finalmente explicar e explicitar os resultados obtidos.”

A Arquitetura é a outra área que será observada e analisada nesta pesquisa. Assim, entendo que ela é a ciência que organiza e cria o espaço em que estamos inseridos, além de ordenar a relação das pessoas com o espaço. De acordo com Ching e Eckler (2014, p. 2) é “uma disciplina que busca criar por meio de um projeto. Também é uma profissão que conta com técnicas de construção específicas”. Nascemos e vivemos em espaços construídos, logo, a presença de obras arquitetônicas em nossas vidas é maior do que se possa imaginar. Assim, as vezes esquecemos que esses espaços não são “naturais”, foram pensados, construídos e estruturados por pessoas (ou por grupos) para atender interesses, desejos e/ou necessidades específicas. Francis Ching diz que:

“(...) as edificações têm propósitos específicos e devem ser organizadas para alcançar tais objetivos. O arquiteto também tem a obrigação de configurar os espaços internos de um

edifício e posiciona-lo de maneira adequada em seu contexto. Ambas questões influenciam no êxito de uma edificação em alcançar o propósito estabelecido. ”

Durante uma discussão em grupo de pesquisa que fiz parte na graduação, a professora comentou a diferença na descrição de uma paisagem feita por pessoas de diferentes áreas, naquele caso, ciência exatas e humanas. Nessa diferença ela explicou que, normalmente, os profissionais das áreas de exatas descreveriam uma paisagem a partir de seus aspectos geográficos, enquanto que os profissionais de humanas iriam além dos elementos físicos e incluiriam nessa descrição cores, cheiros, histórias e várias outras características. A partir dessa diferença quero apresentar o que entendo por paisagem, primeiramente, digo que ela não é composta apenas por elementos físicos e não é meramente fruto da relação entre homem e natureza.

Entendo que assim como a Arquitetura, ela também é construída. Além disso, é composta por pessoas que “contribuem com: emoções, sentimentos, necessidades, materialidades, suas atividades, além das influências políticas e econômicas que a constroem. ” (Seabra & Costa 2021, p. 111). Todos esses aspectos precisam ser considerados ao se observar e analisar uma paisagem. Assim, sigo o pensamento do arqueólogo espanhol Felipe Criado Boado (2016, p. 33), que diz que:

“A paisagem é uma construção, como é uma casa ou uma estrada. É uma construção que se estende sobre o espaço os limites de nossas casas e construções parciais. É como uma casa extensa. Quando colocamos as pessoas no chão, e elas começam a fazer coisas ou (inclusive ainda que não modifiquem o terreno) a pensar sobre isso e compreende-lo, a nomear lugares, a colocar criaturas míticas que habitam rochas, montanhas, nascentes, florestas, caminhos, é quando a paisagem emerge. Por isso a paisagem é um produto humano, um produto que fala das características de cada sociedade. ” (tradução minha)

A partir das definições apresentadas anteriormente, provavelmente ainda deve persistir a dúvida de como essas três áreas distintas podem se unir para estudar a Ilha de Cotijuba. Dentro da Arqueologia, entre as várias linhas de investigação que tem dentro desta ciência, existem duas que se são compatíveis para estudar uma parte da Ilha de Cotijuba: Arqueologia da Arquitetura e Arqueologia da Paisagem.

Como foi dito nos parágrafos anteriores, a Paisagem e a Arquitetura são produtos humanos, assim, não é de se estranhar que dentro da ciência arqueológica exista linhas de pesquisas que analise esses dois aspectos muito presente em todas as sociedades. Assim, a Arqueologia da Arquitetura é uma linha que entende os edifícios e construções arquitetônicas como documentos históricos, que preservam em seus materiais construtivos, organização espacial, cores e formas as características de uma sociedade em determinada época. De acordo com Askarate (2013, p. 272).

“está se tornando um campo aberto para aqueles que se interessam pelo espaço construído como herança do passado, mas também como recurso para o futuro, como repositório de memórias históricas, arquivos estratigráficos, como lista de técnicas de construção, compêndio de e dimensões significativas, reflexo de conflitos e experiências sociais, enfim, como topografia das complexas 'constelações cotidianas' da sociedade.” (tradução minha)

A Arqueologia da Paisagem surge a partir dos anos de 1980, quando a paisagem passa a ser vista como “(...) produto sociocultural criado pela objetivação, sobre o meio e em termos espaciais, da ação social tanto de caráter material como imaginário.” (Criado Boado 1999, p. 5). Portanto, a partir desse entendimento, a paisagem pode ser analisada com metodologias arqueológicas. Rebeca Blanco-Rotea (2017, p. 23–24) define a Arqueologia da Paisagem como:

“(…) como a inclusão da prática arqueológica dentro de coordenadas espaciais, através das quais se trata de pensar o registro e a cultura material arqueológica desde uma matriz espacial e, ao mesmo tempo, converter o espaço no primeiro objeto da investigação arqueológica para não solo reconstruir os ambientes do passado, sino também tentar elaborar modelos sobre as inter-relações entre espaço imaginado, utilização do espaço e organização social nas comunidades (pré) históricas.” (tradução minha)

Assim, a partir dessas duas linhas de investigação arqueológicas, a minha pesquisa de doutorado busca analisar a arquitetura e a paisagem no entorno do Educandário Nogueira de Faria, na Ilha de Cotijuba. Entre os anos de 1933 e 1978 funcionaram nesta ilha e no mesmo local três instituições: colônia reformatória, educandário e presídio. No dia 24 de outubro de 1933 foi inaugurada a Colônia Reformatória de Cotijuba, essa instituição, tinha como objetivo educar e profissionalizar crianças e adolescentes do sexo masculino, com idades entre 12 e 21 anos que foram capturados pela polícia em Belém ou que foram enviados por suas famílias. Alguns anos depois, ocorre a mudança de nome dessa instituição, passando a se chamar Educandário Magalhães Barata, em homenagem ao governador da época, o Major Magalhães Barata. No final da década de 1940, passa a se chamar “Educandário Dr. Nogueira de Faria” em homenagem ao seu fundador, Raimundo Nogueira de Faria.

Apesar da mudança de nome, o objetivo não tinha sido alterado. A principal mudança que é possível observar ocorre a partir da década de 1950, quando o governo do Estado passa a investir mais nessa instituição, assim, é realizada uma ampliação na sua estrutura arquitetônica, tomando a forma que é possível ver hoje: um prédio grande, com 22 cômodos e mais quatro prédios pequenos, duas caixas d'água e um poço. No final da década de 1960, especificamente em 1967, é finalizada

as atividades do educandário e neste mesmo espaço é criada a Colônia Penal de Cotijuba. Está última instituição a ocupar aquele espaço, recebia presos, do sexo masculino, maiores de 18 anos. Entre 1977 e 1978 é fechada esta colônia penal, os presos que estavam ali foram transferidos para o Complexo Americano, Penitenciária Fernando Guilhon, na cidade de Santa Izabel do Pará. A partir dessa realidade, toda essa estrutura foi abandonada, não recebendo nenhum tipo de intervenção ou cuidado. Hoje em dia, os prédios encontram-se em processo de arruinamento.

O mais notável na estrutura arquitetônica desse espaço é o fato de não aparentar, em um primeiro momento, que ali funcionaram três instituições totais diferentes, pois não existiram muros, grades ou cadeados que cercassem aquele espaço do restante da ilha. A própria natureza da ilha era o que amuralhava aquelas instituições. Em conversas informais ocorridas ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, muitas pessoas demonstram surpresa ao saber que foi entre aquelas paredes que funcionou o presídio de Cotijuba, para elas, aquele local aparenta ter sido uma escola, um convento ou casa de pessoas importantes (Seabra 2019).

A partir disso, essa tese de doutorado busca compreender como ocorreu a construção desse edifício ao longo dos anos, identificar suas alterações, reformas e ampliações que foram realizadas para que três instituições totais funcionassem um mesmo espaço. Pretendo fazer o histórico construtivo desse espaço. Para isso, utilizo a estratigrafia muraria, uma metodologia da Arqueologia da Arquitetura. A partir dessa metodologia é possível encontrar as alterações que são feitas em construções ao longo do tempo e ainda inferir as possíveis datas que ocorreram essas mudanças.

Além disso, busco, também, identificar e analisar que paisagem existe hoje em dia ao redor dessa estrutura e qual paisagem existia no momento da chegada da Colônia Reformatória. Estudar a paisagem daquela região da ilha mostra, também, a relação e a importância que os ilhéus e belenenses dão àquele local. Provavelmente, entre o tempo de funcionamento das instituições até os dias atuais, o significado social e simbólico da paisagem deve ter se alterado, mas que mudanças foram essas? (Barbosa & Araújo 2017) afirmam que, em relatos do período de funcionamento das instituições, a ilha de Cotijuba era vista como a ilha da redenção, pois acreditava-se que as pessoas que ali iam seriam “recuperadas”. Atualmente, que paisagem é essa? Enquanto existia o funcionamento do educandário e do presídio, que paisagem existia ali? Assim, planejo apresentar as mudanças físicas, sociais e simbólicas que ocorrem em uma paisagem ao longo dos anos, como consequência da ocupação humana.

Ao escolher a Arqueologia da Arquitetura e da Paisagem para este projeto, quero compreender não apenas uma construção ou uma paisagem, mas também a relação entre elas, pois uma ocorre como consequência da existência da outra. Pretendo apresentar como é possível usar a arquitetura e a paisagem para construir instalações que terão funções totalitárias, mas ao mesmo

tempo não aparentam ter essas funções. Além disso, busco resgatar a história das instituições que foram criadas para suprir uma “necessidade” e atender a uma “demanda” presente na sociedade belenense no início do século XX.

Estudar o Educandário Dr. Nogueira de Faria é uma maneira de contar a história da Ilha de Cotijuba, seu desenvolvimento, crescimento e urbanização. Estudar aquele lugar é preservar a memória das pessoas que ali viveram como internos ou funcionários e, também, contar uma parte da história da cidade de Belém.

## REFERÊNCIAS

- Barbosa ACE, Araújo SM da S. 2017. O Projeto de edificação social de Raymundo Nogueira de Faria e a transformação de Cotijuba (Belém-PA) na Ilha da Redenção, na primeira metade do século 20. *Seminário Internacional América Latina: Política e Conflitos Contemporâneos*, p. 4253–67. Belém: NAEA
- Blanco-Rotea R. 2017. Arquitectura y paisaje. Aproximaciones desde la arqueología. *Arqueología de la Arquitectura*. 14(e051):49
- Ching F, Eckler J. 2014. *Introdução à Arquitetura*. Porto Alegre: Bookman
- Costa DM. 2017. Arqueologia (Verbetes). In *Uwa'kürü: dicionário analítico: v. 2*, orgs. GR de Albuquerque, AS Pacheco, p. 10–16. Rio Branco: NEPAN
- Criado-Boado F. 2016. Ya no somos el paisaje que fuimos: continuidad, tradición y destrucción del paisaje. In *Paisajes Habitados. Taileres de exploración y representación del territorio*, org. M Somoza Medina, p. 31–35. Colectivo Re.Creo
- Criado Boado F. 1999. *Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje*, Vol. 6. Universidad de Santiago de Compostela
- Garai-Olaun AA. 2013. La construcción y lo construido. Arqueología de la Arquitectura. In *La Materialidad de la historia. La arqueología en los inicios del siglo XXI*, p. 271–98. Madrid: Akal
- Lima TA. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 6(1):11–23
- Seabra A, Costa V. 2021. DINÂMICAS DE UMA PAISAGEM URBANA EM UMA AVENIDA HISTÓRICA AMAZÔNICA. *Urbania*. 10:93–123
- Seabra AC de S. 2019. *Arquitetura disciplinar na Amazônia: o Educandário Dr. Nogueira de Faria – Ilha de Cotijuba*. UFPA
- Zarankin, Andres (2001) Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista : o caso de Buenos Aires. UNICAMP.